

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PERMACULTURA

Maria Elis Tolym Nunc- Nfôonro

A ética e princípios da permacultura, a permanência e o modo de vida do povo Laklãnõ

Florianópolis

2022

Maria Elis Tolym Nunc- Nfôonro

A ética e princípios da permacultura, a permanência e o modo de vida do povo Laklãõ

Trabalho Conclusão do Curso de Especialização Lato Senu em Permacultura do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de especialista em Permacultura

Orientador: Dr. Marcelo Venturi.

Florianópolis

2022

Nunc-Nfôonro, Maria Elis Tolym
A ética e princípios da permacultura, a permanência e o
modo de vida do povo Laklãnõ / Maria Elis Tolym Nunc
Nfôonro ; orientador, Marcelo Venturi, coorientador,
Arthur Schmidt Nanni, 2022.

37 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Curso de
Permacultura, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Permacultura. 3. Povo Laklãnõ. 4. hábitos e costumes
indígenas. I. Venturi, Marcelo . II. Schmidt Nanni, Arthur.
III. Universidade Federal de Santa Catarina. Permacultura.
IV. Título.

Maria Elis Tolyrn Nunc-Nfôonro

Título: A ética e princípios da permacultura, a permanência e o modo de vida do povo Laklãnô

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de "especialização *Lato Sensu*" e aprovado em sua forma final pelo Curso de Permacultura.

Florianópolis, 29 de abril de 2022.



Documento assinado digitalmente
Arthur Schmidt Nanni
Data: 30/04/2022 17:55:10-0300
CPF: 904.420.670-20
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Dr. Arthur Schmidt Nanni .
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
Marcelo Venturi
Data: 30/04/2022 13:04:30-0300
CPF: 016.220.989-43
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Dr. Marcelo Venturi.
Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente
EDUARDO VIVIAN DA CUNHA
Data: 30/04/2022 09:20:45-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Eduardo Vivian da Cunha.
Universidade federal do Cariri



Documento assinado digitalmente
Elis do Nascimento Silva
Data: 30/04/2022 13:37:18-0300
CPF: 057.665.809-08
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Ms. Elis do Nascimento Silva.
PPGAS/UFSC

A minha ancestralidade,
Por todo exemplo de persistência
Que me serve hoje de encorajamento
Luta e resistência.
À nossa Pachamama,
Que nos acolhe e afaga nesses tempos sombrios.

RESUMO

Esta pesquisa procura refletir sobre a ética e princípios da permacultura, a permanência e o modo de vida do povo Laklãnõ. Tem como objetivo aproximar, através da comparação, os modos de vida do povo Laklãnõ e sua permanência, aos princípios da permacultura.

É um olhar de uma mulher indígena Laklãnõ que desde a infância ouve as histórias do seu povo e consegue perceber as transformações que foram ocorrendo com o povo e seu território. Esta pesquisa é também, de certa forma, um registro dos hábitos e costumes do povo Laklãnõ, tendo em vista que os povos indígenas são considerados povos da oralidade, pois pouco há registrado sobre suas diferentes culturas e diversidade. Permite mostrar e deixar registrado como o povo Laklãnõ sempre cuidou dos espaços por onde perambulou e que a garantia da vida no planeta Terra depende da observância da relação indígena com o planeta, assim como da prática dos doze princípios da permacultura.

Palavras-chave: Permacultura, Povo Laklãnõ, costumes indígenas

ABSTRACT

This research seeks to reflect on the ethics and principles of permaculture, the permanence and way of life of the Laklānõ people. It aims to bring, through comparison, the ways of life of the Laklānõ people and their permanence, to the principles of permaculture.

It is the look of a Laklānõ indigenous woman who, since childhood, has heard the stories of her people and is able to perceive the transformations that have taken place with the people and their territory.

This research is also, in a way, a record of the habits and customs of the Laklānõ people, considering that indigenous peoples are considered orality peoples, as little has been recorded about their different cultures and diversity. Allow me to show and record how the Laklānõ people have always taken care of the spaces where they roamed and that the guarantee of life on planet Earth depends on the observance of the indigenous relationship with the planet, as well as the practice of the twelve principles of permaculture.

Keywords: Permaculture, Laklānõ people, indigenous customs

APRESENTAÇÃO

Sou Maria Elis Tolym Nunc-Nfôonro. Pertencço ao povo Laklãnõ. Sou professora - neta de professor- escritora, pesquisadora. Resido em Blumenau. Como dizem meus colegas de trabalho e os parentes: “sou índia de apartamento”. Minha mãe e vários dos meus familiares moram na aldeia Rio do Toldo, na TI Ibirama Laklãnõ. Sempre morei na cidade, mas nunca perdi o contato e a convivência com minha aldeia. Na infância, não me identificava como indígena, pois os estereótipos de indígenas que os livros didáticos mostravam nunca me representavam. Na fase adulta, na faculdade, cursando Letras na FURB, compreendi e percebi a importância de me reconhecer como indígena. Hoje sou professora, e desde que comecei a lecionar tenho assumido a responsabilidade de ensinar o lado certo da história do meu povo, para meus colegas de trabalho e meus estudantes. Sempre estou estudando e todos os meus estudos e pesquisas sempre acabam desembocando na cultura e história do meu povo. Sou uma curiosa e amante da história do meu povo. Sofro e choro quando leio sobre o genocídio que meu povo sofreu e ainda sofre. Me alegro e sonho com as histórias contadas por minha mãe, de um tempo em que podia tomar banho no rio, caçar passarinho, atravessar o rio de canoa, brincar nos matos. Infelizmente minha mãe não fala a língua materna do nosso povo e por isso não pode me ensinar. No passado, as crianças do meu povo recebiam os nomes dos seus avós e bisavós. Eu recebi meu nome indígena “Tolym” há pouco tempo. Quer dizer “a parte mais alta” ou “o ponto mais alto da montanha”. Receber esse nome foi muito emocionante para mim, é a afirmação de pertencimento. Atualmente, além de lecionar, faço palestras, formação e cursos para acadêmicos de licenciaturas e outros cursos, em universidades de Blumenau e do Vale do Itajaí. Também participo de rodas de conversa e dou mini palestras para estudantes de diferentes níveis, desde a educação infantil até o ensino médio e superior. Atuo com minha mãe em um projeto intitulado “Acolhida na Aldeia”, com o objetivo de organizar visitas pedagógicas na nossa terra indígena. Este projeto tem sido muito importante, pois as pessoas, principalmente professores, não recebem formação adequada para ensinar seus estudantes sobre a história e cultura indígena. Tenho orgulho de dizer que sou indígena e de representar o meu povo. Escrevo as histórias do meu povo e sonho com a publicação de um livro literário contando e mostrando um pouco da nossa história e cultura. Representar meu povo e nossa cultura é uma forma de erguê-los no “ponto mais alto” para que todos possam conhecer, valorizar e respeitar nossa história, cultura e a memória de nossos ancestrais.

PRESENTATION

I'm Maria Elis Tolym Nunc-Nfôonro. I belong to the Laklãnõ people. I am a teacher - granddaughter of a teacher - writer, researcher. I live in Blumenau. As my co-workers and relatives say: "I'm an apartment Indian". My mother and several of my family members live in the village of Rio do Toldo, in the Ibirama Laklãnõ Indigenous Land. I have always lived in the city, but I have never lost contact and coexistence with my village. As a child, I did not identify myself as an indigenous person, as the stereotypes of indigenous people that textbooks showed never represented me. As an adult, in college, studying Literature at FURB, I understood and realized the importance of recognizing myself as an indigenous person. Today I am a teacher and since I started teaching I have taken on the responsibility of teaching the right side of my people's history, to my co-workers and my students. I am always studying and all my studies and research always end up in the culture and history of my people. I am curious and lover of the history of my people. I suffer and cry when I read about the genocide that my people suffered and are still suffering. I rejoice and dream about the stories told by my mother, of a time when I could bathe in the river, hunt birds, cross the river in a canoe, play in the woods. Unfortunately, my mother doesn't speak the mother tongue of our people and that's why she can't teach me. In the past, the children of my people were named after their grandparents and great-grandparents. I received my indigenous name "Tolym" not long ago. It means "the highest part" or "the highest point of the mountain". Receiving that name was very emotional for me; it's the affirmation of belonging. Currently, in addition to teaching, I give lectures; training and courses for undergraduate students and other courses at universities in Blumenau and Vale do Itajaí. I also participate in conversation circles and give mini lectures to students of different levels, from kindergarten to high school and higher. I work with my mother on a project entitled "Acolhida na Aldeia", with the aim of organizing educational visits to our indigenous land. This project has been very important, as people, especially teachers, do not receive adequate training to teach their students about indigenous history and culture. I am proud to say that I am indigenous and to represent my people. I write the stories of my people and dream of publishing a literary book telling and showing a little of our history and culture. Representing my people and our culture is a way of raising them to the "highest point" so that everyone can know value and respect our history, culture and the memory of our ancestors.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Território histórico Laklãnõ Xokleng	16
Figura 2 Localização aproximada das Terras Indígenas em Santa Catarina	18
Figura 3 Localização aproximada das Terras Indígenas em Santa Catarina.	21
Figura 4 Casa subterrânea atribuída aos Laklãnõ Xokleng e Kaingang.....	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	O POVO LAKLÃNÕ XOKLENG	15
2.1	O NOME.....	17
2.2	LOCALIZAÇÃO.....	18
2.3	LÍNGUA	19
2.4	OS DIAS DE HOJE NA TI IBIRAMA LAKLÃNÕ.....	20
3	O BEM VIVER: A PERMACULTURA DOS POVOS ORIGINÁRIOS.....	22
3.1	A METODOLOGIA DO PLANEJAMENTO PERMACULTURAL	24
4	ÉTICA E PRINCÍPIOS DA PERMACULTURA, A PERMANÊNCIA E O MODO DE VIDA DO POVO LAKLÃNÕ.....	25
4.1	A ÉTICA DO CUIDADO COM O PLANETA TERRA, CUIDADO COM AS PESSOAS E DO LIMITE AO CONSUMISMO COM O COMPARTILHAMENTO DOS EXCEDENTES.	26
4.2	OS PRINCÍPIOS DE PLANEJAMENTO DA PERMACULTURA E A PERMANÊNCIA DO POVO LAKLÃNÕ	27
5	CONCLUSÃO.....	36
	REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

A permacultura, originalmente, ficou notável como um método de agricultura permanente no fim dos anos 1970. O termo, referenciado pelos cientistas australianos Bill Mollison e David Holmgren em 1974, nasceu da contração, do inglês Permanent (permanente) mais Culture (cultura ou cultivo): Permaculture. Ao trazer a palavra permanente no prefixo “perma”, o conceito remonta ao entendimento de sustentabilidade em capacidade de manter, por um longo período de tempo indeterminado, a base de recursos necessários para a sobrevivência das futuras gerações.

O termo rapidamente difundiu-se na América do Norte e na Europa, e posteriormente, na América Latina e no Brasil. Na década de 1980, a permacultura chegou ao Brasil em citações de livros principalmente voltados para agricultura sustentável, na época chamada de agricultura alternativa.

Lá na Austrália, uma das fontes de inspiração de Bill Mollison foi a observação de aborígenes australianos e sua relação com o meio ambiente. No Brasil, são os povos originários, primeiros habitantes de nossas terras. A cultura dos povos indígenas sempre esteve presente em nossos costumes, como no hábito de tomar banho todos os dias, na culinária, na língua portuguesa; mas ainda temos muito que aprender com nossos ancestrais, principalmente sobre o cuidado com a terra e o viver em comunidade.

Os povos indígenas do Brasil, assim como os povos originários dos outros continentes são exemplos a ser seguidos de responsabilidade sustentável e garantia de vida para as próximas gerações. Em Santa Catarina, os Laklãnõ, nos “tempos do mato” nos mostram a permacultura na prática, muito antes dela ser explorada por Bill Mollison.

O corpus de análise será constituído por pesquisas já realizadas com depoimentos de anciãos indígenas sobre os “tempos do mato” e bibliografias que narram a vivência dos Laklãnõ antes da chegada dos colonizadores em Santa Catarina. Como suporte metodológico, esta pesquisa irá observar os princípios de planejamento da permacultura e a permanência do povo Laklãnõ.

Este estudo busca também reforçar a importância da preservação dos territórios indígenas como garantia da existência da vida no planeta.

2 O POVO LAKLÃNÕ XOKLENG

O povo Laklãnõ, da Terra Indígena (TI) Ibirama Laklãnõ, em Santa Catarina, é sobrevivente de um processo brutal de colonização do sul do Brasil, iniciado no século passado e que quase o exterminou em sua totalidade. Após o massacre e etnocídio de alguns subgrupos do povo Laklãnõ, em 1914 garantiu-se a “pacificação”¹ com os colonos. Assim, conseqüentemente a expansão e progresso do vale do rio Itajaí. Os Laklãnõ continuam lutando para sobreviver, mesmo após a extinção quase total dos recursos naturais de sua terra, agravada pela construção da Barragem Norte. Está localizada no Rio Hercílio, ou Itajaí do Norte, na cidade de José Boiteux/SC, a cerca de 250 Km da Capital Florianópolis, atingindo assim grande parte da área agricultável da terra indígena.

Figura 1 Território histórico Laklãnõ Xokleng



Fonte: Silvio Coelho dos Santos, 1972, adaptado e elaborado por Carina Santos de Almeida.

¹ O povo Laklãnõ, da Terra Indígena (TI) Ibirama Laklãnõ, em Santa Catarina, é sobrevivente de um processo brutal de colonização do sul do Brasil, iniciado no século passado e que quase o exterminou em sua totalidade. Após o massacre e etnocídio de alguns subgrupos do povo Laklãnõ, em 1914 garantiu-se a “pacificação” com os colonos. Assim, conseqüentemente a expansão e progresso do vale do rio Itajaí. Os Laklãnõ continuam lutando para sobreviver, mesmo após a extinção quase total dos recursos naturais de sua terra, agravada pela construção da Barragem Norte. Está localizada no Rio Hercílio, ou Itajaí do Norte, na cidade de José Boiteux/SC, a cerca de 250 Km da Capital Florianópolis, atingindo assim grande parte da área agricultável da terra indígena.

A Terra Indígena Laklãõ está inserida em quatro municípios: José Boiteux; Doutor Pedrinho; Vitor Meireles e Itaiópolis. Encontra-se organizada em nove Aldeias: Sede, Bugio, Figueira, Rio do Toldo, Coqueiro, Palmeira, Pavão, Plipatól e Koplång. Na aldeia Bugio existe uma subdivisão com a formação de uma aldeia Guarani: a Takuaty. Segundo dados da FUNAI de 2016, a população é de aproximadamente 878 famílias, em torno de 2.203 indígenas, na sua maioria do povo Laklãõ-Xokleng. Há alguns descendentes do povo Kaingang e Guarani Mbya que migraram para a TI ao longo dos anos.

2.1 O NOME

Nos primeiros contatos com os funcionários do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), a partir de 1914, as denominações dadas ao povo Laklãõ foram variadas: "Bugres", "Botocudos", "Aweikoma", "Xokleng", "Xokrén", "Kaingang de Santa Catarina" e "Aweikoma-Kaingang".

Estas variações nas denominações se devem à proximidade linguístico-cultural existente entre os Xokleng e os Kaingang; à pouca importância dada pelos etnógrafos à autodenominação; e ao desconhecimento da etno-história Laklãõ.

Jules Henry (1941), na primeira etnografia sobre os Xokleng, apesar de denominá-los Kaingang, admitiu haver diferenças linguístico-culturais entre eles e os outros Kaingang. Já Gregory Urban (1978) afirmou que os Botocudos eram divididos em dois grupos de perambulação, os Waikòmang e os Kañre. Mais tarde, os Waikòmang teriam matado quase todos os homens Kañre, formando assim um único grupo Waikòmang incorporando mulheres e crianças Kañre. Ainda segundo Urban (1978), durante um processo migratório em Santa Catarina, os Waikòmang em um processo de disputas faccionais, deu origem a três facções: Angyidn, Ngrokòthi-yõ-prèy e Rakranò. Assim, os Laklãõ se originaram dos Waikòmang, e a separação se deu pela fissão de suas patri-metades. Os indígenas alegam que na sua língua a palavra xokleng significa "aranha" ou "taipa" e foi "inventada pelos brancos por engano".

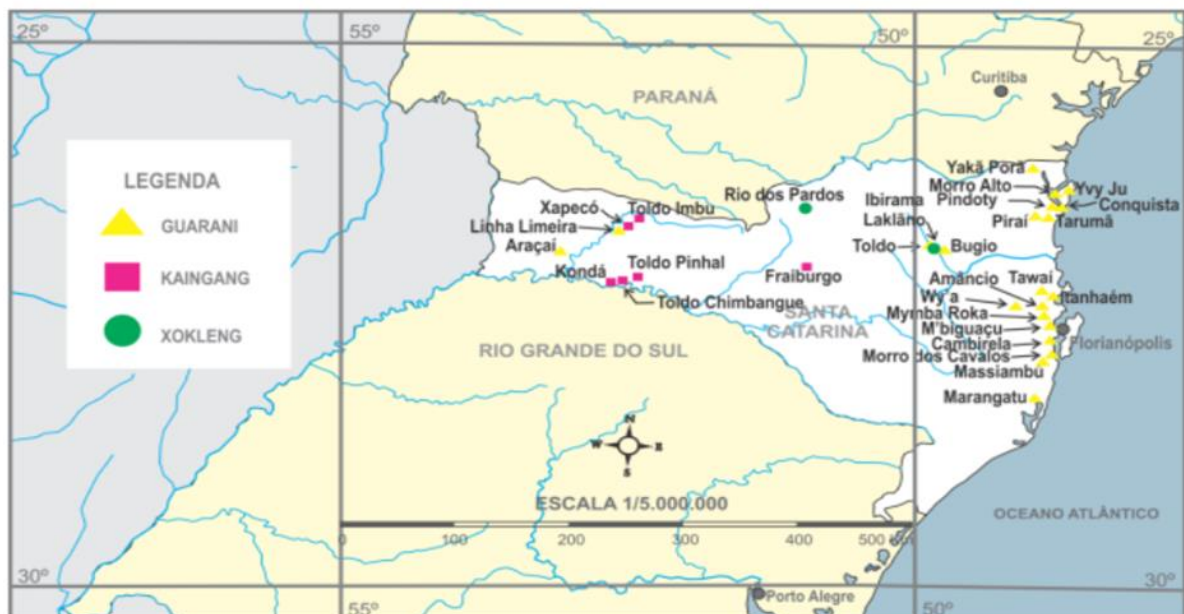
Contudo, o termo "xokleng", que se popularizou no trabalho do etnólogo Sílvio Coelho dos Santos (1973), era usado em suas lutas políticas junto à FUNAI e aos meios de comunicação. Hoje, o povo se autodenomina "Laklãõ", isso é, "gente do sol" ou "gente ligeira". O termo Laklãõ ganhou espaço político interno através de um movimento de

recuperação de seu idioma, escrita de mitos antigos e bilinguismo. Em respeito a autodenominação desse povo, neste trabalho, serão referenciados sempre como Laklãnõ, que é como se denominam.

2.2 LOCALIZAÇÃO

A TI Ibirama Laklãnõ está situada ao longo dos rios Hercílio (antigo Itajaí do Norte) e Platê, que moldam um dos vales formadores da bacia do rio Itajaí-Açu, e está a cerca de 260 km a noroeste de Florianópolis e 100 km a oeste de Blumenau. Localizada em quatro municípios catarinenses, cerca de 70% da área está dentro dos limites dos municípios José Boiteux e Doutor Pedrinho. Inicialmente denominada Posto Indígena Duque de Caxias, a TI foi criada pelo chefe do governo catarinense, Adolfo Konder, em 1926, que destinou aos Laklãnõ, na época, uma área de 20.000 hectares. Em 1965 foi oficialmente demarcada e em 1975 recebeu o nome de Ibirama. Atualmente, por conta da autodenominação do povo, já é reconhecida com TI Ibirama Laklãnõ.

Figura 2 Localização aproximada das Terras Indígenas em Santa Catarina



Fonte: Clovis Antonio Brighenti, 2012. Elaborado por Carina Santos de Almeida.

A TI ocupa área de floresta subtropical e já foi farta em palmito, araucária e outras madeiras nobres. Nos anos 1960 o palmito, alimento para os indígenas, quase desapareceu por

conta da extração predatória. No início dos anos 1970 a floresta nativa, onde abundavam madeiras nobres, foi explorada por madeireiras, com o aval da Funai, alegando usufruto pelos indígenas. Por conta disso, toda a reserva de madeira praticamente se extinguiu em meados dos anos de 1980.

Nos anos de 1970, a TI Ibirama Laklãnõ sofreu uma grande transformação com a construção da Barragem Norte, que represou o Rio Hercílio junto à sua divisa sudeste, com o objetivo de conter as enchentes nas cidades industriais do baixo vale do Itajaí, como Blumenau. O lago de contenção formado inundou cerca de 900 hectares das terras mais planas e agricultáveis da TI. Com essa inundação causada pela barragem, os Laklãnõ tiveram de se mudar para as partes altas da TI, onde a mata era virgem, com relevo íngreme e solo com várias incidências de erosão. Ali intensificou-se a exploração da madeira. A TI foi loteada entre famílias em "frentes" de exploração delimitadas. A comercialização da madeira privilegiou os comerciantes locais e vários funcionários da Funai. Em 1997 a Funai organizou uma equipe interdisciplinar para recuperar as áreas invadidas por madeireiras e estudar a possibilidade da redefinição dos limites da TI. O eucalipto e o pinus que não são espécies da região foram plantados em vários espaços da TI. A tensão no local ainda é grande e por vezes exige a presença de autoridades para intermediar os conflitos entre madeireiros, indígenas e colonos.

Ainda hoje o processo de indenização dos Laklãnõ, pela inundação de parte da TI não avançou; também não houve a construção total de casas, pontes e estradas prometidas pelo governo. A análise do impacto socioambiental e cultural nunca foi concluída. Na TI Ibirama a prática da caça é rara. A pesca que servia como suplemento alimentar hoje não é muito praticada, pois com a construção da barragem várias espécies de peixes desapareceram e o acesso ao rio é muito difícil, ficando longe das casas. Há também grande dificuldade para agricultura de subsistência (que estariam nas zonas 1 e 2 na permacultura), pois o relevo é íngreme, com lugares pedregosos e sofre constantemente com a erosão. As casas são construídas nas margens da estrada, sem espaço de convivência e para as roças.

2.3 LÍNGUA

Os indígenas, na TI Ibirama Laklãnõ, falam o "xokleng", um idioma próximo ao Kaingang, pois são do mesmo tronco linguístico, ramo meridional da família Jê. Os Laklãnõ

dizem entender alguma coisa de Kaingang, mas não o falam. Nas décadas de 1970 a 1980, o número de falantes de xokleng se reduziu bastante. A maioria dos jovens falava somente português. Isso se deve ao aumento de casamentos com não indígenas; às inúmeras rupturas sociais, políticas, econômicas e culturais provocadas pela construção da Barragem Norte; e à presença de escolas para indígenas com a mesma grade curricular das demais escolas públicas, que não estimulavam e nem consideram as particularidades culturais.

De 1992 para cá, por iniciativa do professor doutor Nanblá Gakran, a aprendizagem do idioma foi incorporada nas escolas da TI Ibirama Laklãnõ. Um pequeno dicionário xokleng-português e um livreto com "lendas", nos dois idiomas, foram produzidos por ele, com o apoio da FUNAI, prefeituras locais e pela FURB (Fundação Universidade Regional de Blumenau) e estão sendo usados em sala de aula. Através desta iniciativa, tanto os adultos, que não conheciam o xokleng escrito, quanto às crianças, que não falavam a língua, estão despertando para a importância de se conhecer seu idioma e cultura. Hoje os Laklãnõ já gostam de falar em público o seu idioma e tem se tornado um símbolo político muito forte ligado à ideia de fonte de poder e da construção de uma identidade étnica positiva.

2.4 OS DIAS DE HOJE NA TI IBIRAMA LAKLÃNÕ

Com a pacificação, o confinamento na TI trouxe prejuízos irreparáveis para a comunidade Laklãnõ. Doenças, alcoolismo e a entrada de religiões não indígenas também afetaram costumes e hábitos antigos. Outro fator que muito contribuiu para mudanças na TI Ibirama Laklãnõ foi a construção da Barragem Norte, iniciada nos anos 1970 e colocada em operação em 1992. A barragem está localizada no Rio Hercílio, ou Itajaí Norte, na cidade de José Boiteux/SC, e é a maior barragem de contenção de cheias do Estado.

Após a construção da barragem e as demais interferências na TI, a vida do povo Laklãnõ mudou. Hoje muitos costumes não são mais praticados. A alimentação não é mais a mesma. Os alimentos são comprados nos comércios. Práticas de cuidado com a saúde e com o corpo também mudaram, com a chegada de equipes técnicas de saúde não indígenas, junto com seus fármacos. Na escola, a gestão e os professores são indígenas, porém as amarras burocráticas, muitas vezes, impossibilitam uma educação de qualidade e que atenda os costumes e necessidades da comunidade.

Figura 3 Localização aproximada das Terras Indígenas em Santa Catarina.



Vista Geral da Barragem Norte com seus respectivos componentes. Fonte: Imagem Google Earth

O texto, a seguir, narra um pouco das mudanças que ocorreram após a construção da Barragem Norte.

Rio de histórias/ Memórias de um rio

Nas manhãs de verão elas chegavam cedo e mergulham se medo. Eram miúdas, falantes, risonhas. Conheciam cada pedrinha do fundo. Brincavam com os peixinhos.

Os homens adultos vinham para pesca. Com seus balaio e redes, levavam apenas o necessário para um dia ou dois. Cará e mandi eram muito apreciados.

Os meninos maiores estavam sempre junto para aprender. Nem pegavam tantos peixes. Gostavam mesmo era de apostar para ver quem chegava na outra margem primeiro. Tinham braços ligeiros. A competição era difícil.

Na vez das mulheres a tarefa era de lavar as roupas e banhar a criançada. Às vezes vinham em grupo. Cada uma em seu lugar preferido, em grandes pedras. Cantavam, conversavam, ensinavam as meninas-moças.

A canoa estava sempre à margem aguardando uma travessia.

Nos dias de chuva era só solidão. Nada de crianças, nem pescaria ou lavação de roupa. A água ficava turva e movimentada.

Eles estavam próximos. Observavam o movimento das águas. Assim que as chuvas cessavam tudo retornava como antes, e o reencontro era uma alegria só.

Foram várias gerações. O filho, o neto, o bisneto.

Até que ela chegou. Com seu tamanho descomunal.

As primeiras chuvas já deixaram prejuízos. Plantações perdidas, casas inundadas, quintais destruídos. Histórias na lama.

E a cada período de tormenta, o rio que antes alegrava o povo Laklãñõ; de repente espantou todos.

Casas e roças foram abandonadas.

Os homens não voltaram mais para a pescaria, acabaram-se os peixes.

Agora é só silêncio e solidão. Sem a risada das crianças, sem a falação das mulheres.

A canoa foi desprezada.

Morar na margem não era mais seguro. Não garantia mais subsistência.

A aldeia foi para longe. Dividiu as famílias. Adormeceu muitas histórias.

Alguns foram e nunca mais voltaram.

E o mesmo rio que no passado foi o pulmão da aldeia e enriqueceu a cultura Laklãñõ, rompeu as regras e os limites da harmonia.

Mas a culpa não é do rio. Ela é a culpada.

Com a barragem, muitas linhas da história narraram a trajetória difícil do povo dono da terra. O rio, seu bem tão precioso, hoje aprisionado em uma barragem, durante anos alimentou e lavou o corpo e alma do povo Laklãñõ. A água antes calma e clara, hoje vermelha, marca de dor tudo o que encontra em tempos de cheia.

O povo guerreiro refez as casas, abriu novas picadas. Uniu as forças. Reafirmou sua existência. Reescreveu as linhas da história.

Ela permanece lá, com seu ar de imponência tentando nos afogar.

E a cada chuva, após cada inundação, nos fortalecemos como a força das águas.

Amassamos a lama e construímos novos capítulos de uma história que será contada para as próximas gerações.

Ela não vai mais embora, mas nós também vamos ficar.

Autora: Maria Elis Tolym Nunc-Nfõonro. Texto escrito em abril de 2019.

Texto premiado no 21º Salão FNLIJ – 23 a 31 de outubro de 2019 no Rio de Janeiro, através do 16º Concurso Tamoios – Concurso que reconhece e premia escritores indígenas.

3 O BEM VIVER: A PERMACULTURA DOS POVOS ORIGINÁRIOS.

A relação entre indígenas e a natureza é pautada por dois elementos básicos: respeito e equilíbrio. Esse relacionamento envolve muito mais que afeto e faz com que vivam uma relação mais próxima e sagrada como se a natureza fosse a extensão do seu corpo e o seu corpo extensão da natureza. Leonardo Boff, quando perguntado sobre o que seria a sociedade local, respondeu que

é uma rede de relações entre as pessoas, suas funções, coisas e instituições iluminadas pelo valor universal da responsabilidade social compartilhada [...], o ser humano é parte da natureza e da biosfera. Ele não é o centro do universo. (BOFF, 2008).

É na “grande mãe”, a terra, que indígenas guardam suas lembranças, suas vivências e constroem sua história. As comunidades indígenas, principalmente as localizadas e os territórios mais isolados, são modelos inspiradores de vida sustentável, pois convivem com a natureza de uma forma muito próxima. Isso porque os indígenas obtêm sua nutrição física e espiritual a partir do ambiente natural e a extração é entendida como necessidade e tratada com respeito, ao contrário do que se vê na sociedade não indígena. E é nesse modelo de vida,

muitas vezes rotulado como atrasado, que as comunidades desenvolveram tecnologias eficientes e apropriadas para a extração, utilização e manutenção dos recursos naturais e fontes disponíveis. A paciência e o conhecimento levaram os indígenas a observarem as regiões e o clima antes de executar a agricultura, caça, pesca e coleta de frutos, evitando agressão desnecessária². Ou seja, há a manutenção de uma relação harmoniosa e de equilíbrio com o ambiente, mesmo quando os alimentos necessários para a sobrevivência são retirados. A ação revela uma extração sem dominação do meio, marca registrada da ação da sociedade em geral.

O processo permite o desenvolvimento de uma economia sustentável ambiental e socialmente, produtiva e diversificada, que gere alimentos, medicamentos, utensílios e ferramentas, bem como lazer, saúde e bem estar. É importante entender também que o viver de forma sustentável dos povos originários vai além de um estilo de vida e prevê atender às necessidades diárias da comunidade, visando o futuro das gerações. E é esse relacionamento e tradição de respeito que deve ser repassado ao mundo todo através do bem viver. O que para Ailton Krenak.

O Bem Viver não é distribuição de riqueza. Bem viver é abundância que a Terra proporciona como expressão mesmo da vida. A gente não precisa ficar buscando uma vantagem em relação a nada, porque a vida é tão próspera que é suficiente para nós todos. (KRENAK, 2020, p. 16)

O conceito de natureza pode variar bastante entre os indígenas, pois cada povo tem um modo particular de interpretar o meio ambiente e de compreender as relações que estabelece com ele. Mas o que é comum entre todos eles é a ideia de que o mundo é uma ampla rede de relações entre agentes, sejam eles humanos ou não humanos. Isso significa dizer que os humanos estão sempre interagindo com a natureza: dependem dela e, ao mesmo tempo, são partes dela.

A natureza não está aqui para nos servir, até porque nós, humanos, também somos natureza e, sendo natureza, quando nos desligamos dela e lhe fazemos mal, estamos fazendo mal a nós mesmos. (ACOSTA, 2008, p. 15)

² Semelhante ao que foi proposto por Mollison e Holmgren à permacultura em sua leitura da paisagem, que assumem que se inspiraram nos povos originais para criar o sistema de planejamento usado na permacultura (MOLLISON & HOLMGREN, 1978. Rede NEPerma Brasil, 2021).

No decorrer da história, os povos indígenas vêm transformando o seu ambiente de acordo com suas crenças e necessidades, sempre mantendo uma relação de dependência e integração com a natureza. Como essas interferências (seja na fauna, na vegetação, no solo ou nas águas) não alteraram o funcionamento equilibrado da natureza, as áreas das florestas brasileiras ocupadas por indígenas (que, pela Constituição brasileira, são de uso exclusivo deles) costumam ser mais preservadas em relação às outras, exercendo papel importante para o equilíbrio ambiental.

A ironia da história, e aqui mais ainda da geografia, é que as regiões que são visadas para serem demarcadas como unidades de conservação de uso restrito, definidas quase sempre pela ciência convencional, são exatamente aquelas que, por terem ficado à margem do mercado e ocupadas por populações tradicionais com outras matrizes de conhecimento, são as regiões que abrigam a maior riqueza em água e em biodiversidade do planeta. (PORTO - GONÇALVES, 2012, p. 25)

3.1 A METODOLOGIA DO PLANEJAMENTO PERMACULTURAL

Na permacultura o planejamento é realizado a partir de uma base conceitual fundamentada em três princípios éticos e doze princípios de planejamento. Essa base foi iniciada por Bill Mollison e David Holmgren na Tasmânia e reconstruída ao longo da história da permacultura, inspirada em exemplos de comunidades pré-industriais e iniciativas e experiências de permacultores que já se compreendem em uma era pós-industrial. Os princípios éticos e de planejamento constituem na base o método de planejamento do espaço, que tem como pressuposto priorizar bons fluxos energéticos na paisagem a ser manejada.

Princípios éticos e de planejamento da permacultura:

1. O cuidado com o Planeta Terra.
2. O cuidado com as pessoas.
3. Limite de consumo e compartilhamento dos excedentes.

Já os doze princípios de planejamento permacultural foram desenvolvidos ao longo de duas décadas e publicados em 2002 por David Holmgren através do livro “Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade”, publicado em português no Brasil em 2013. Segundo Holmgren (2013, p.12), os primeiros seis princípios consideram os sistemas de produção sob uma perspectiva de baixo para cima dos elementos, organismos e pessoas. Os

demais seis enfatizam a perspectiva de cima para baixo dos padrões e relações que tendem a emergir por meio da auto-organização e coevolução dos ecossistemas. São eles:

1. Observe e interaja.
2. Capte e armazene energia.
3. Obtenha rendimento.
4. Pratique a autorregulação e aceite feedback.
5. Use e valorize os serviços e recursos renováveis.
6. Não produza desperdícios.
7. Design partindo de padrões para chegar aos detalhes.
8. Integrar ao invés de segregar.
9. Use soluções pequenas e lentas.
10. Use e valorize a diversidade.
11. Use os limites e valorize o marginal.
12. Use a criatividade e responda às mudanças.

4 ÉTICA E PRINCÍPIOS DA PERMACULTURA, A PERMANÊNCIA E O MODO DE VIDA DO POVO LAKLÃNÕ.

Na permacultura, os doze princípios de planejamento foram desenvolvidos ao longo de mais de duas décadas e publicados em 2002 por David Holmgren através do livro "Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade", publicado em português no Brasil em 2013.

Na permanência do povo Laklãnõ, ética e princípios vão sendo adquiridos e ajustados através de constante observação do meio em que vivem e que fazem parte.

4.1 A ÉTICA DO CUIDADO COM O PLANETA TERRA, CUIDADO COM AS PESSOAS E DO LIMITE AO CONSUMISMO COM O COMPARTILHAMENTO DOS EXCEDENTES.

Lendo e pesquisando a vida e permanência do povo Laklãnõ nos “tempos do mato”, é muito difícil tratar dos três princípios da permacultura individualmente, pois para o povo Laklãnõ um princípio está diretamente ligado ao outro, ou seja, um é continuação do outro.

Cuidar do outro é cuidar do planeta, assim como observar o limite do consumo e compartilhar os excedentes são a garantia do cuidado do planeta e cuidado com as pessoas. Assim, os três princípios formam um elo na permanência do povo Laklãnõ.

Nos “tempos do mato” a natureza fornecia tudo o que o povo precisava: alimentação, moradia, matéria prima para produção de seus utensílios, armas tradicionais e vestimentas.

Com a chegada da colonização, seu território foi reduzido e na atualidade há poucos recursos para produção de seus artefatos, que são produzidos para comercialização nas cidades e denominados como artesanato. A alimentação e material para a construção das casas vem do comércio local. A cerâmica não é mais produzida.

O povo Laklãnõ tinha uma estreita relação de crença com a natureza, pois era a natureza que dava a eles sinais espirituais, tanto para o bem quanto para o mal. Esses indígenas acreditam em espíritos que existem em meio a natureza.

Nossos anciãos dizem que eles acreditavam que os espíritos dos animais falavam com eles para lhes dar avisos sobre algo que iria acontecer ou para mostrar algo perigoso. É por isso que sempre que precisavam caçar e matar os animais eles conversavam com os animais e pediam autorização para matá-los. Falavam que estavam precisando de sua carne para sustentar seus filhos, então abatiam o animal. Nunca matavam todo um bando. Deixavam filhotes e fêmeas em época de reprodução, para não extinguir os animais, pois futuramente seriam a sua fonte de alimento.

As plantas também eram tratadas da mesma forma como os animais. Os indígenas sempre conversavam com elas de forma respeitosa, contando de suas necessidades para estar extraindo a planta ou parte dela. A técnica de extração de uma planta não se resume a arrancar a planta e fazer o chá de qualquer maneira. Para a extração do chá o indivíduo precisa ter uma conversa com a planta e pedir autorização para coletá-la.

Para os Laklãnõ, as coisas espirituais eram como um mecanismo que sustenta a compreensão da relação entre humanos e não humanos numa dinâmica de trocas de intercâmbios e interações. Assim, para este povo não existia separação entre homem e natureza, mas uma interação, no diálogo com os pássaros, na conversa com as plantas, nas orações dirigidas aos ancestrais.

A relação do povo Laklãnõ com a natureza era muito envolvente. Viviam em consonância com a natureza num efeito simbiótico. Desta forma, a consciência de preservação era automática, natural; pois era dela que vinha o sustento, a sobrevivência; a permanência.

4.2 OS PRINCÍPIOS DE PLANEJAMENTO DA PERMACULTURA E A PERMANÊNCIA DO POVO LAKLÃNÕ

Ao estudar os princípios de planejamento da permacultura é possível observar que eles foram pensados para um mundo que caminhava e ainda caminha para o colapso do planeta. E é realmente necessário que esses doze princípios sejam urgentemente divulgados, difundidos e que se enraízem no comportamento humano para que em algum momento a humanidade desacelere na maratona que tem como alvo o caos total do planeta.

Porém, ao analisarmos os modos de vida e permanência do povo Laklãnõ, é possível enxergar com clareza que, se os colonizadores tivessem tido a delicadeza de observar e interagir, e assim se inspirar e “copiar” a relação deste povo com a natureza, hoje teríamos um cenário completamente diferente. A disputa dos colonos e seus descendentes pelas terras de permanência dos Laklãnõ cegou-os e quase aniquilou este povo, que durante anos manteve a floresta de pé e o cuidado com os demais recursos naturais, o que garantiria um futuro muito mais saudável para todos.

Assim, a comparação entre os princípios de planejamento da permacultura e a permanência dos Laklãnõ, originalmente nômades, nem sempre é possível, uma vez que eles foram pensados na tentativa de frear e amenizar todo estrago já causado no planeta e nas relações humanas, tendo em vista que a permanência Laklãnõ sempre andou de mão dadas e harmonicamente como planeta.

Sobre o **primeiro princípio de planejamento: “observe e interaja”**, analisando os diversos relatos do pesquisador Livina (1994), é possível observar que para conseguir se

sustentar e permanecer nas matas, o povo Laklãnõ tinha intrínseco em seus modos de vida o primeiro princípio de planejamento da permacultura.

“Vivem em contínua emigração de serra acima para serra abaixo, conforme é tempo do pinhão na zona do Planalto ou de outros frutos nas zonas marítimas. Não só os frutos procuram, nestas correrias, como a caça que com eles aparece mais fácil e abundante”. (Boiteux 1911:71 apud Lavina 1994)

“Poucos dias se demoram no lugar onde fazem aldeamento, mas vão mudando de pouso, ao passo que lhes escasseia a caça. As palhotas são feitas de paus e cobertas de ervas, nem se incomodam a desmanchá-las, quando mudam de residência. Durante o dia espalham-se pelas matas em procura de alimento; a noite juntam-se todos no rancho (...)” (Tavares 1910: 282-283 apud Lavina 1994: 53).

Livina (1994) ainda propõe um modelo de nomadismo para esta população, conforme expresso pelo autor:

“O nomadismo estacional é uma característica essencial dos Xokleng, estando este nomadismo ligado às atividades de caça e coleta, que obrigam o grupo a um deslocamento mais ou menos constante dentro do território por eles ocupado” (LIVINA, 1994, p.55).

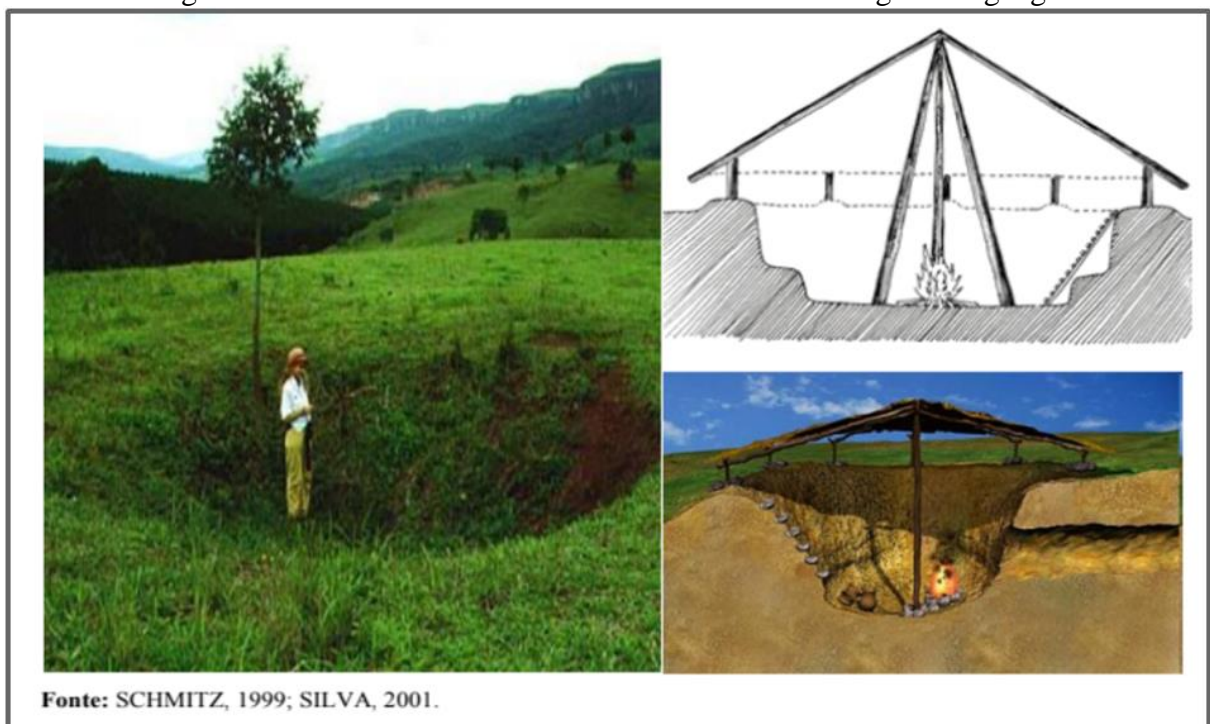
Para Lavina (1994), com base em documentação etno-histórica, ele caracteriza esta população como caçadora-coletora com movimentação sazonal por um amplo território a fim de prover a sua subsistência. O autor identifica nas práticas Laklãnõ uma alta mobilidade relacionada à exploração de diferentes ambientes visando obter recursos alimentícios em períodos distintos do ano, o que é definido pelo autor como um “movimento pendular” entre o vale e o planalto de Santa Catarina.

Essa atitude de “movimento pendular” dos Laklãnõ pode ser associada ao **décimo primeiro princípio “use os limites e valorize o marginal”**. A movimentação sazonal permite usar os limites, mas sem esgotá-los e de forma sensata valorizar outros recursos durante o tempo de descanso necessário de um determinado espaço. Para Holmgren (2007), um design que percebe o limite como uma oportunidade e não como um problema tem maiores chances de sucesso e adaptação. E as bordas costumam ser os locais com maior diversidade. Portanto um povo nômade, como os Laklãnõ, certamente caminhavam em busca dessa maior diversidade, o que garantiria maiores possibilidades, principalmente de opções alimentares.

Para o **segundo princípio “capte e armazene energia”** uma solução encontrada foi a construção das casas subterrâneas. Para proteger-se do inverno rigoroso que castiga as elevadas regiões do Sul do Brasil, no planalto de Santa Catarina, os Laklãnõ construíram suas casas de forma enterrada, mantendo-as, assim, protegidas dos ventos fortes e gelados que

cortam o planalto. Por vezes, as paredes eram compactadas com argila mais fina, resultando em uma camada de revestimento. O teto era apoiado sobre estacas: uma estaca principal no centro, que descia até o chão da casa, e estacas laterais, que irradiavam do mastro central e se apoiavam na superfície do solo, na parte externa. Este teto ficava pouco acima do nível do terreno, garantindo ventilação, iluminação e trânsito. As dimensões eram variáveis; e registros revelaram estruturas com tamanhos médios entre 2 e 13 metros de diâmetro com profundidade média de 2,5 a 5 metros de altura, havendo casos registrados de 4 e até 6 metros de profundidade.

Figura 4 Casa subterrânea atribuída aos Laklãnõ Xokleng e Kaingang.



Ainda sobre o **segundo princípio**, é possível citar a coleta e armazenamento de pinhões como fonte de energia alimentar. Os Laklãnõ sabiamente armazenavam o pinhão [zág do]. O pinhão era colocado sem casca em um balaio forrado com folha de caeté. O balaio era colocado em uma lagoa onde ficava por meses e depois retirado para fazer pratos como: Pag, Kulav, Capug. Assim, mesmo após a temporada do pinhão, os Laklãnõ conseguiam garantir sua alimentação tradicional.

Havia diversas técnicas de estocagem de alimentos, tanto animais quanto vegetais, que podiam preservar os alimentos por vários meses, até um ano, garantindo reservas extras de alimento. As carnes eram desidratadas no moquéu ou sob o sol,

e os vegetais, principalmente o pinhão, eram hidratados e depositados em silos subterrâneos e cestos em locais úmidos (NOELLI, 1999-2000. p.247).

Com esse exemplo sobre a forma de armazenamento do pinhão, é possível aglutinar o segundo princípio ao **terceiro princípio** de planejamento: “**obtenha rendimento**”. Neste caso, temos um rendimento de tempo para praticar outras tarefas ou até mesmo descansar, uma vez que a garantia de alimento estava assegurada. Para Holmgren (2013) devemos “desenhar sistemas e organizar nossas vidas de modo a obtermos rendimento através de meios que otimizem a potência de trabalho útil de tudo o que fazemos”.

Pode-se dizer também que o segundo princípio está diretamente ligado ao **sexto princípio** “**não produza desperdícios**”. Cada vez que algum indivíduo do grupo ou o coletivo desenvolvia alguma ação diária, seja relacionada a caça, pesca e coleta de alimentos na mata; ou aproveitamento de alguma erva, planta ou terra para preparação de alguns utensílios de cerâmica, vestimenta ou construção de moradia: todos retiravam da natureza apenas o necessário. Desta forma, não havia desperdício e fontes de energia eram poupadas. Um exemplo deste princípio era o ritual do *pétogdé* (espécie de peixe). O ritual com o *pétogdé* acontecia uma vez a cada certo tempo, quando os meninos atingiam aproximadamente 6 ou 7 anos de idade. Este ritual era feito para saber quem seria o próximo Kujá (líder espiritual) e para passar conhecimento aos meninos. O *Kujá* orientava como fazer o ritual. Reunia-se as crianças em uma outra casa onde passavam dias para purificar seu corpo e alma. Essa casa de rito ficava longe dos demais, dentro da mata. As crianças ficavam longe de seus pais e das outras pessoas da comunidade por alguns dias, enquanto isso o *Kujá* escolhia três pessoas da comunidade para irem à pesca, em busca do peixe para o ritual. A ordem era para que trouxessem a quantidade exata de alimentos (peixe) para as crianças que foram separadas, assim nada era desperdiçado, e enquanto o número de peixes não atingisse a quantidade das crianças que foram separadas o ritual não era realizado. Dependendo da circunstância, este ritual levava dias para acontecer.

Sobre o **quarto princípio** “**pratique a autorregulação e aceite conselhos (feedbacks)**”, a vivência dos Laklãnõ no mato sempre foi uma constante na autorregulação e por isso sempre conseguiram garantir sua subsistência e suprir suas necessidades no mato. Na crença e cosmologia do povo, viviam harmonicamente com a natureza, nada era desperdiçado e nada era retirado sem necessidade.

Sabemos também que na crença e cosmologia dos Laklãnõ, cada ser da natureza possui um espírito e por isso a conexão com essas entidades tornava os Laklãnõ amigos e defensores da natureza. Isto ocorria mesmo possuindo um território tradicional muito vasto e rico em alimentos porque temiam que os espíritos poderiam se vingar, causando doenças até mesmo a morte de membros das famílias que desobedecessem ao ritual tradicional de respeito à natureza (CRIRI, 2015, p. 12).

Praticar a autorregulação pode ser considerado um mandamento na vivência Laklãnõ, assim como o **quinto princípio “usar e valorizar os serviços e recursos renováveis”**, que sem dúvida, é um princípio muito aplicado na permanência do povo Laklãnõ nos “tempos do mato” e muito ligado à cosmologia. Para Holmgren (2013)

“É apropriado fazer uso diário relativamente efêmero do sol, das marés, da água e do vento, pois são energias diárias ou sazonalmente renováveis” (HOLMGREN, 2013, p. 175).

Livina (1994) quando define o movimento Laklãnõ entre o vale e o planalto de Santa Catarina como um “movimento pendular” nos faz entender que o **sétimo princípio “design partindo de padrões para chegar aos detalhes”** também era observado pelos Laklãnõ. Esse deslocamento implicava na utilização de dois tipos de assentamentos no seu território tradicional: um mais fugaz, quando se tratava de obter alimentos através da caça e da coleta na área de Floresta Atlântica; e o outro de maior duração, quando se tratava de explorar os frutos dos pinheirais e de caçar os animais que recorriam à Floresta de Araucária.

A extensão das áreas manejadas e a sazonalidade de várias espécies permitiam uma subsistência centrada na coleta, associada às práticas de obtenção de proteína animal baseada na caça e na coleta (NOELLI, 1999-2000, p. 246).

No **oitavo princípio “integrar ao invés de segregar”**, Holmgren coloca que “nas sociedades tradicionais estáveis, nas quais todos os recursos estão totalmente alocados papéis definidos, obrigações mútuas, contribuições, impostos e outros mecanismos sociais prevalecem sobre os competitivos” (HOLMGREN, 2013, p.269). Essa observação de Holmgren é totalmente aplicada aos modos tradicionais dos Laklãnõ também no “movimento pendula”, uma vez que permite, em sua dinâmica na floresta, uma relação importantíssima entre humanos, elementos naturais e outros animais. Como a permacultura, inspirada na ajuda mútua identificada por Kropotkin (1902), acredita que relações cooperativas e simbióticas tendem a contribuir mais do que relações meramente competitivas, na construção de uma sociedade com práticas adequadas em harmonia com a natureza. A vivência dos Laklãnõ “nos tempos do mato” nos mostra como essa simbiose realmente é possível.

Nesta simbiose, é também possível observar o **nono princípio “use soluções pequenas e lentas”**. Usar soluções pequenas e lentas consistia em, durante o ritmo de mobilidade do povo, na qual não se trata de um contínuo movimento, mas sim de um ritmo de caminhada e parada que só podem ser pensados de forma articulada, observar as necessidades do povo neste percurso e encontrar soluções que com o passar dos tempos vão se consolidando como hábitos do grupo.

No mito da geração do homem, coletada por Markus em 2006, mostra nas caminhadas e paradas como elementos estruturantes da cultura Laklãnõ surgiram de soluções pequenas e lentas:

“Segundo a lenda Xokleng sobre a geração do ser humano, sabemos que há duas formas de geração. Uma saiu da montanha e a outra da água do mar. Conta a lenda que na vontade de sair, mas com muito medo, o chefe Vãjeki, manda um dos membros da comunidade sair para investigar a terra e trazer uma amostra do lugar para ele. Este homem vai e vê as aves e pensa: “vou levar um desses pássaros para meu chefe”.

Surge então o arco e a flecha, com os quais o ser humano mata um gavião e traz para o seu chefe. O líder fica contente, mas inseguro, envia outros seres humanos, os quais também trazem amostras do lugar dando, assim, segurança ao povo que saíam da água para uma nova terra. Ao saírem da água, todos comemoram a chegada e, durante as comemorações, eles ouvem um barulho de outras pessoas e ficam aterrorizados, sem saber o que fazer. Então o chefe tem uma ideia: “vou criar uma onça”, diz. Manda que seja derrubada uma árvore e do tronco dessa árvore faz uma onça, surge então a arte de esculpir. Depois da onça pronta, ele pede que ela seja pintada. Surge aí a arte de pintar e mais as marcas tribais que vai acompanhar todas as outras gerações até os dias atuais. Nesse primeiro momento as cores não são uma preocupação, por isso só é usado o preto. As outras cores só são observadas nas paisagens naturais. As cores dos pássaros surgem a partir de uma outra lenda, a do beija-flor que escondeu a água. Diz a lenda que na época em que só se encontrava mel em rochas, os pássaros e outros animais não se alimentavam com essa substância. Um dia os pássaros encontraram uma colmeia em uma taipa e todos tentavam furar o rochedo para tirar o mel, mas não eram felizes, pois seus bicos acabavam se quebrando com o impacto e o sangue escorria em seus corpos, manchando-os, dando assim suas cores, pois não tinham água para lavá-los. Essa lenda é muito importante dentro da arte, porque os Xokleng, ao longo de sua caminhada, começaram a usar as penas em seus cocares, artesanato usado pelos velhos chefes guerreiros. Também se usava e usa-se em arcos e flechas, nesse último para dar direção. As mulheres, por sua vez, usavam penas de pássaros em brincos, colares, pulseiras e enfeites nas pernas e braços. A necessidade de conduzir os alimentos nas andanças dos Xokleng faz surgir a cestaria. Já a vestimenta e cobertores com fibra de urtiga surgiram a partir das baixas temperaturas de certas regiões por onde passavam. A necessidade de cozinhar alimentos, ou esquentar água fez surgir a cerâmica, ou arte de fazer panelas e outros objetos de barro. Esses conhecimentos foram passando de geração em geração até surgir a tal “pacificação” e destruir quase toda a cultura Xokleng” (MARKUS 2006. p 36)

No que diz respeito ao **décimo princípio “use e valorize a diversidade”**, nos “tempos do mato” e com o “movimento pendular”, essa dinâmica de usar e valorizar a

diversidade parece intrínseca aos modos e costumes dos Laklãnõ. Paula e Noelli descrevem muito bem a habilidade deste povo em sua rotina. Aqui é perceptível que o décimo princípio é possível por conta do primeiro princípio já praticado pelos Laklãnõ.

Durante os meses de outono e inverno (abril, maio e junho), estes grupos deslocavam-se para as matas de araucárias das bordas do Planalto meridional para a coleta do pinhão e para caçar os animais atraídos à região por estes frutos (PAULA, 1924).

*As proteínas de origem animal eram obtidas através da caça generalizada, da pesca e da coleta de insetos. Os Jê do Sul consumiam mamíferos, aves, peixes, répteis, anfíbios, moluscos e insetos, obtidos com armas de uso individual ou por meio de engenhosas armadilhas, tanto de modo individual como coletivamente. As fontes históricas indicam que o acesso seletivo era o preferencial. Usavam também armadilhas de caça, espalhadas pelas áreas de cultivo, que atraíam uma fauna variada de roedores e aves. A maioria dos sítios arqueológicos está próxima de cursos d'água piscosos e, para pescar, conforme as fontes históricas, era intensamente utilizado o pãri, uma armadilha de corredeira com uma barreira que conduz os peixes para um cesto que os captura em quantidades controladas (MOTA et al. 1996). Nas águas de remansos e outros locais sem correnteza empregavam ictiotóxicos. Os grupos que viviam à beira-mar ou em cursos d'água que nele desaguavam utilizavam intensamente seus recursos, como a pesca generalizada, as piracemas e a coleta intensa de moluscos, como mostram os dados arqueológicos. O consumo de insetos era outra prática que provia quantidades consideráveis de proteínas e energia. Várias espécies de larvas eram cultivadas intencionalmente, através da derrubada para apodrecimento de certas espécies arbóreas ou coletadas durante seus ciclos naturais, como as larvas de palmáceas (*Rhynchophorus palmarum*) e de borboletas que eram depositadas em certas espécies de taquaras (*Morpheis smerintha*). Cupins (por exemplo: *Cornitermes cumulans* e *Procornitermes striatus*), formigas (por exemplo: *Atta sexdens piriventris*), abelhas e vespas (várias espécies) podiam ser consumidos tanto sob forma larval como na fase adulta. Vários tipos de mel e partes de colmeias eram consumidos e as ceras eram usadas na produção da cultura material e em outras finalidades, como a vedação (NOELLI, 1999-2000, p. 247).*

Passados os “tempos do mato”, e com a “pacificação”, os Laklãnõ mantêm-se usando e valorizando a diversidade, visto que a vida na floresta lhes foi proibida. Uma das formas encontradas pelos indígenas para tentar contornar as dificuldades é a confecção de artesanato, como arcos, flechas, chocalhos e cerâmica. Os produtos são vendidos nos centros das cidades com o intuito de arrecadar dinheiro para compra de alimentos, sementes, medicamentos e a preservação de sua cultura material.

E sobre o **décimo segundo princípio**, mas não menos importante, “**use a criatividade e responda às mudanças**”, a breve narração sobre a vivência dos Laklãnõ “nos tempos do mato” neste trabalho, deixa transparente a expertise deste povo no que diz a usar a criatividade em responder às mudanças. As inúmeras adversidades rotineiras eram resolvidas e iam se ajustando com o passar do tempo e a sensível observação deste povo aos

acontecimentos naturais da floresta. Assim tudo de que necessitavam logo era produzido e ajustado para suas demandas e necessidades diárias. Por exemplo, “a necessidade de conduzir os alimentos nas andanças dos Xokleng faz surgir a cestaria. Já a vestimenta e cobertores com fibra de urtiga surgiram a partir das baixas temperaturas de certas regiões por onde passavam. A necessidade de cozinhar alimentos, ou esquentar água fez surgir a cerâmica, ou arte de fazer panelas e outros objetos de barro. Esses conhecimentos foram passando de geração em geração” (MARKUS, 2006, p.36) in Machado (2016, p. 192).

Ainda sobre o décimo segundo princípio, novamente é possível integrá-lo aos estudos de Livina (1994) sobre o “movimento pendular” que é a prova de que a observação e respeito aos espaços de convivência eram garantidos, bem como a observância dos doze princípios da permacultura, que de forma intrínseca e, muito antes de serem descritos por Holmgren.

Além de Livina, Machado (2016) também observar a vivência dos Laklãñõ e descreve:

No caso específico dos Laklãñõ, também as evidências etno-históricas nos indicam um conhecimento de um amplo território, mas mais do que isto, o seu manejo através de indicadores de redes de caminhos e trilhas abertas e plantas conhecidas (MACHADO, 2016, p. 184).

Atualmente, por conta do aldeamento e do limitado espaço territorial onde está localizada a TI Laklãñõ, o “movimento pendular” não é mais possível. O povo adotou novos costumes, entretanto a prática da agricultura, desde o início da "pacificação" foi rejeitada pelos Laklãñõ, como narra Wittmann (2007), e ainda é pouco praticada. Apenas nas exceções, em casos isolados quando seus membros atuais se casaram/uniram com outras culturas que traziam essas práticas.

Nas palavras de Hoerhann, “a maioria dos índios, refratária a qualquer subordinação, empregou todos os meios e modos para tornar ilusória a ordem e a marcha regular dos trabalhos no posto”. Os índios, segundo ele, permaneciam algumas vezes nas roças apenas para fazerem coletas indevidas, e chegavam a fazer de conta que trabalhavam. Hoerhann fez questão de registrar: “Eles deixavam de trabalhar, se bem que fingissem que o estavam fazendo”. Os Xokleng persistiram em suas práticas sorradeiras. As ações indígenas demonstram que, muitas vezes, as expectativas do SPI não estavam de acordo com seus anseios. Hoerhann tentava explicar que as consequências daquelas atitudes recaíam diretamente sobre eles. Os índios discordavam. Por fim, Hoerhann confessa: “Os botocudos persistem teimosamente neste condenável modo de proceder

(...) É escusado repetir que os índios sempre conseguem burlar, com uma solércia e audácia inauditas, a mais rigorosa e assídua vigilância”. As entrelinhas dos relatórios indiciam as maneiras pelas quais os índios devolviam o que lhes era oferecido pelo processo civilizador. Na contramão da disciplina, eles agiam sub-repticiamente, sobretudo na escuridão noturna. Os Xokleng criavam seus próprios modos de proceder, expressão curiosamente presente tanto nas palavras de Eduardo Hoerhann quanto nas de Michel de Certeau. De maneiras distintas, o historiador e o indigenista reconhecem a existência de ações criativas mesmo diante do controle. WITTMANN, 2007, p. 186-187.

5 CONCLUSÃO

Ler, analisar e escrever sobre a vivência do meu povo traz grandes reflexões, tanto pessoais como coletivas. A forma como mostravam o conhecimento, respeito e sobretudo suas atitudes na floresta, comprovam que é possível sim garantir vida com qualidade e segurança para todos os seres desse planeta por longos e longos anos.

Com a chegada da colonização no sul, os Laklãnõ viram seus modos de vivência na mata sendo dissipados. Wittmann (2007) narra um pouco sobre o processo de aldeamento dos Laklãnõ:

A experiência do aldeamento causou mortes e transformações para o povo Xokleng. Contudo, os índios agiram diante da disciplina e da vigilância. Criaram seu próprio modo de proceder. Inventaram táticas. Esquivaram-se do trabalho na agricultura, saíram da área delimitada, recusaram tratamentos médicos. Essas foram algumas das ações indígenas frente à nova situação de confinamento. Os Xokleng viviam o início de um longo processo de transformação. As suas atitudes ainda estavam bastante calcadas nas suas referências socioculturais e históricas. Os sinais vislumbram uma imagem repleta de traços da cultura Xokleng, que não desaparecem de um dia para o outro após a chamada pacificação. Aos poucos, é verdade, a nova conjuntura causa mudanças violentas e irreparáveis naquele modo de vida (WITTMANN, 2007, p. 211-212).

O quase extermínio e genocídio dos Laklãnõ do sul brasileiro e assim como dos outros parentes indígenas das diversas etnias espalhadas nessa imensidão do Brasil e demais países, causada pela cegueira da ganância, fez com que o planeta entrasse em colapso.

A observação de Holmgren sobre as ações humanas no planeta e a necessidade de uma “cartilha” com doze princípios de boa conduta e relação homem X natureza quase chega tarde, diante de tamanho estrago já causado no nosso ecossistema natural, onde o humano se inclui (ou deveria se incluir).

A observância da relação indígena com o planeta, assim como da prática dos doze princípios da permacultura é o plano de fuga que a humanidade necessita como recurso para garantir vida na terra.

Num julgamento que teve repercussão geral, a Corte do STF decidirá se a TI Ibirama Laklãnõ, onde vivem os Laklãnõ, os Kaingang e os Guarani, deve ou não incorporar áreas já reconhecidas pelo governo federal como parte da terra indígena, mas que são reivindicadas pelo executivo catarinense e por produtores rurais.

Resgatar essas terras é de certa forma garantir a vida do povo Laklãnõ, bem como das comunidades do entorno. Na posse de suas terras, indígenas combatem o desmatamento, a monocultura; conservam nascentes, recuperam espécies de fauna e flora já ameaçadas.

Embora impossibilitados de viver no “movimento pendular” por conta do aldeamento, ter a TI reconhecida pelo governo é, com certeza, uma forma de preservar a existência do povo Laklãnõ.

Ao meu povo, cabe lutar com todas as forças, assim como já fizeram nossos ancestrais, e cuidar dessas terras que ainda podemos chamar de nossas. Esse cuidar da terra é também cuidar de nós, cuidar do outro; e assim projetar um futuro onde todos tenham o que comer, todos tenham direito à saúde, moradia, lazer. Onde todos tenham terra para plantar.

Após comparar a ética e princípios da permacultura, a permanência e o modo de vida do povo Laklãnõ, fica muito claro como essa comparação só é possível porque o povo Laklãnõ tem brigado incansavelmente defendendo seu território.

Assim como a defesa do território Laklãnõ garante a existência desse povo, a multiplicação da ética e princípios da permacultura é uma forte arma para salvar o planeta. Que nesta luta todos saiam vencedores!

Pesquisar a permanência do meu povo, é de certa forma, voltar ao passado e viver tudo novamente. É ter acesso a sabedoria adquirida através da constante observação da fauna e flora. É reviver confrontos, rituais, práticas e costumes, experimentar sabores nunca experimentados, mas que estavam aqui comigo, em algum lugar da minha memória gustativa e que me foi passada por meus ancestrais.

Para além deste meu encontro com meus antepassados, a pesquisa me permitiu mostrar como o meu povo sempre cuidou dos espaços por onde perambulou. Que este trabalho sirva para mostrar para esta e futuras gerações dos parentes indígenas, que os bons exemplos dos nossos ancestrais devem ser preservados e seguidos.

Que sirva como ferramenta na luta da preservação dos nossos territórios, tanto para garantia de existência dos povos originários como para garantia de vida do e no planeta.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. O bem viver – uma oportunidade para imaginar outros mundos. Ed. Elefante. 2008.

BOFF, Leonardo. Ecologia, Mundialização, Espiritualidade. São Paulo: Record, 2008.

CRIRI, João. A alimentação tradicional Laklãnõ. (Xokleng). Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. UFSC, 2015.

FONSECA, Jidean Raphael. O conhecimento dos sábios sobre a cerâmica na terra Indígena Xokleng/Laklãnõ. 2015.

KRENAK, Ailton. Caminhos para cultura do Bem Viver. 2020.

LAVINA, Rodrigo. Os Xokleng de Santa Catarina: Uma Etnohistória e Sugestões para os Arqueólogos. Dissertação de Mestrado em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo. 1994.

MACHADO, Juliana Salles. Caminhos e Paradas. Perspectivas sobre o território Laklãnõ (Xokleng). R. Mus. Arq. Etn., 27: 179-196, 2016.

MARKUS, Cledes. Identidade Étnica E Educação Escolar Indígena (Dissertação De Mestrado). FURB: Blumenau, 2006.

MOLLISON, Bill; HOLMGREN, David. Permaculture One: A Perennial Agriculture for Human Settlements. Melbourne, Australia: Transworld Publishers, 1978. ISBN 978-0-938240-00-6

NOELLI, Francisco Silva, Revista USP, São Paulo, n.44, p. 218-269, dezembro/fevereiro 1999-2000.

PAULA, José Maria .1924 Memória sobre os botocudos do Paraná e Santa Catarina organizada pelo serviço de proteção aos silvícolas sob a inspeção do Dr. José Maria de Paula. ANNAES DO XX CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS. Rio de Janeiro.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A ecologia política na América Latina: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, v. 9, n. 1, p. 16–50, 22 jul. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2012v9n1p16>>.

SILVA e GUEDES (2017) - “Buen Vivir Andino: Resistência e/ou alternativa ao modelo hegemônico de desenvolvimento” - disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512017000300682>.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. Índios e brancos do sul do Brasil, A dramática experiência dos xokleng. Ed. EDEME. 1973.

WITTMANN, Luisa Tombini. O vapor e o botoque. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 2007.